

MANOEL DE BARROS E A POESIA CÍNICA

O Círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore



MANOEL DE BARROS E A POESIA CÍNICA
O Círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore

Patrícia Lino



© Relicário Edições
© Patrícia Lino

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO [CIP] DE ACORDO COM ISBD

L758m

Lino, Patrícia

Manoel de Barros e a poesia cínica: o círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore / Patrícia Lino. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2019.

144 p. : il. ; 14cm x 21cm.
Inclui bibliografia e índice.
ISBN: 978-85-66786-93-4

2019-239

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFMT), Ernani Chaves (UFPA), Guilherme Paoliello (UFOP), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), Luiz Rohden (UNISINOS), Marco Aurélio Werle (USP), Markus Schäffauer (Universität Hamburg), Patrícia Lavelle (PUC-RIO), Pedro Sússekind (UFF), Ricardo Barbosa (UERJ), Romero Freitas (UFOP), Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Caroline Gischewski

IMAGEM DA CAPA Colleen Conroy

REVISÃO Lucas Morais

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080
relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

Lá anda a minha Dor às cambalhotas
Mário de Sá-Carneiro

Tudo se resolvia com cambalhotas
Manoel de Barros



9 **DESCONVERSA PRELIMINAR**

17 **NOTA PRELIMINAR**

19 **SIGLAS**

21 **INTRODUÇÃO**

25	O PRIMEIRO MOVIMENTO	O HOMEM-ÁRVORE	113
	26 A morte e a terra	O segundo nascimento	114
30	Execução do primeiro movimento	Bernardo da Mata	118
43	O SEGUNDO MOVIMENTO	O TERCEIRO MOVIMENTO	61
	44 A origem impossível e a origem possível	A poesia kínica	62
51	Execução do segundo movimento	O CORPO	74
		A cabeça	74
		Os olhos	87
		A boca	95
		A genitália	102

129 **POSFÁCIO**

131 **BIBLIOGRAFIA**

141 **SOBRE A AUTORA**



DESCONVERSA PRELIMINAR

Joana Matos Frias & Pedro Eiras

À segunda vez que se nasce, assiste-se ao próprio nascimento

Almada Negreiros, Nome de Guerra

- Queres começar?
- Ah, os gravadores, as máquinas...
- As máquinas condicionam-nos...
- Não há coisa pior para travar o discurso...
- O que é que nós queremos dizer? Que é absolutamente espectacular o livro da Patrícia. Basicamente é isso, não é?
- É. Pronto, já chega, podemos desligar... (risos) E é espectacular porquê? É espectacular porque é autobiográfico, porque é muito a Patrícia.
- Isso é muito coerente com o que é o projecto autoral Patrícia Lino, nas suas diversas manifestações. Porque tudo o que ela tem feito é sempre autobiográfico, muito sólido, tudo se intersecta com tudo, às vezes sob uma capa de coisas diversificadas na sua aparência.
- Faz parte de um todo, não é um objecto absolutamente fechado, porque vem de toda a experiência da autora, de todas as leituras e pesquisas anteriores, e depois continua a cair e a enraizar e a crescer outra vez, à imagem daquele percurso quase iniciático do Bernardo da Mata...
- O homem-árvore...
- Isso fascina-me muito no livro, o facto de ele construir uma narrativa nada óbvia, que não estava pré-definida, que não estava forçosamente ao dispor de todos os leitores; a Patrícia descreve a poesia a partir de um percurso de amadurecimento, com uma enorme ousadia.

O que está longe de ser óbvio para a leitura de um objecto lírico, que nós costumamos pensar isolado do tempo...

– E a que ela dá uma historicidade, sobretudo dá uma historicidade que é imprevisível, e que, do ponto de vista biográfico, como nós sabemos, lhe permitiu conciliar uma formação clássica com aquilo que depois é a sua paixão talvez mais recente, mais de juventude, pela literatura brasileira, em particular por uma certa poesia brasileira, e isso é bastante surpreendente na aproximação a um objecto como a obra de Manoel de Barros, que tem sido submetida a muitos lugares-comuns em termos de análise crítica.

– A Patrícia faz tudo isso sem violência nenhuma, o que é espantoso. Porque de repente temos Diógenes a dialogar com Manoel de Barros – e vice-versa... Convocar uma figura arquetípica do pensamento, da cultura, entre gregos e romanos, para ler um poeta contemporâneo, já tem sido feito. Agora, conseguir que eles estejam em perfeita sintonia, e que esses 2500 anos de distância desapareçam, porque os autores se tornam contemporâneos um do outro, é espantoso.

– Sobretudo porque não é aquele tipo de comparatismo fácil que acaba por submeter a leitura de uma obra contemporânea a uma perspectiva historicista (aliás, a Patrícia cita esse famoso verso do Carlos Drummond de Andrade em que ele confessa estar “atrasadíssimo nos gregos”). Mas o que ela faz é uma coisa muito mais natural, que é fazer parecer incontornável que uma certa inclinação na obra do Manoel de Barros seja lida à luz desse kinismo – para utilizar o termo que a Patrícia resgata –, à luz desse kinismo de raízes tão ancestrais na nossa cultura ocidental. E isso de repente é como se fosse absolutamente natural, não tem nada de forçado, não tem nada de historicista, não tem nada de desfasado no tempo, não há *décalage*, é como se aquela leitura fosse quase obrigatória (apesar de tão inovadora e tão surpreendente).

– Curioso: até o nosso vocabulário de repente fica colado a essa ideia de raiz, árvore, natureza, etc., todo um campo temático, lexical, conceptual que é trabalhado ali. Não é um acaso nós próprios acabarmos por sentir que pertencemos a essa espécie de árvore – vamos ficar com a metáfora –, essa árvore que vem de gregos antigos, que vem de

Homero, em primeiro lugar, e depois também nos inclui a nós. Mas a árvore é toda ela sincrónica, as raízes têm a mesma idade que as folhas.

– O Vico tem a mesma idade do Diógenes, que tem a mesma idade do Freud, que aparece por outras razões... Há de facto esta espécie de sincronização de todas essas referências, que leva a que elas tenham a aparência de serem os ramos de uma árvore esplendorosa...

– À sombra da qual nós...

– ...nós podemos descansar...

– ...e enraizar novamente...

– Tudo isso provoca uma leitura interessante do ponto de vista do que é a poesia brasileira do século XX. Porque um dos lugares-comuns que mais tem sido lançado a propósito da obra do Manoel de Barros é que ela seria uma obra singular, à parte, que, embora se tenha desenvolvido a partir da década de 30 do século XX, estaria distanciada daqueles projectos modernistas ou dos projectos regionalistas dos anos 30, que teria tido uma espécie de processo único, singular, individual. E a Patrícia consegue fazer uma coisa espantosa: por um lado reforçar essa singularidade – este é um ensaio que mostra de forma evidente a singularidade do projecto literário do Manoel de Barros – mas ao mesmo tempo não se escusar a estabelecer relações muito cirúrgicas, em momentos muito precisos e plenos de sentido, com determinados autores da literatura brasileira do século XX, mas em obras tão diferentes como a de Guimarães Rosa, a de Clarice Lispector, a de Manuel Bandeira, a de Drummond, a de João Cabral, etc. E vai tecendo esta ramagem com muita finura, demonstrando como, mesmo dentro da raridade do (não-)lugar que Manoel de Barros ocupa, é possível nós detectarmos certos traços que podem ir colocando a sua obra em diálogo com a de outros escritores da literatura brasileira.

– E faz tudo isso como quem estivesse a brincar, porque essas relações entre autores (que são gigantes, claro está) podia ser extremamente pesada, e o próprio ensaio podia reflectir uma história pesada, solene, monumental da literatura, em que cada autor esmagasse o anterior... Nada, nada disso: é uma espécie de brincadeira florescente, muito divertida, muito provocadora, às vezes politicamente desafiante, muito gra-

ças ao humor rebelde de Manoel de Barros... E resulta tudo muito bem porque é muito coerente com todo um projecto que não é só estético, é ético também, tem a ver com uma maneira de estar no mundo – uma maneira do Manoel de Barros e das suas personagens e também da própria Patrícia. Enfim, a Patrícia não escreveu um poema (embora seja também uma excelente poetisa), escreveu um estudo sobre poemas; mas ao mesmo tempo há algo muito parecido na maneira como tanto a Patrícia quanto Manoel de Barros estão a utilizar a linguagem ou o pensamento ou o reenvio para outras vozes.

– Ela própria parece que pratica – para utilizar a categoria retórica – o “estilo humilde” que depois vai encontrar num certo tipo de enunciação poética do Manoel de Barros, em que de alguma forma a desimportância das coisas a que ele dá importância corresponde à desimportância da fala, a uma espécie de auto-deflacção da figura autorral, do seu discurso... E isso é de uma coerência e de uma coesão do trabalho absolutamente espantosas.

– Quer dizer que este livro também é um desobjecto.

– É um desobjecto, exactamente.

– Não é um tratado monumental das verdades últimas das coisas, mas tem o seu quê de brincadeira e de metamorfose e de infância reencontrada...

– Até nos desenhos da própria Patrícia. Porque – é mais um dos aspectos deste projecto, desta coerência – a Patrícia nunca prescinde de aliar a sua paixão plástica e gráfica àquilo que é também o discurso ensaístico sobre a literatura, e essa parte deste livro é muito digna de nota – como é que ela vai dando uma visibilidade gráfica permanentemente àquilo que está a tentar apresentar, a tal ponto que toda a estruturação argumentativa do livro está graficamente representada.

– É como se ela estivesse a pensar por desenho, digamos assim. O próprio pensamento se faz gráfico e exige aquele percurso circular... que é muito enigmático, porque estamos habituados (de maneira estereotipada) a pensar no sentido dos ponteiros do relógio, e ali é ao contrário, tudo se move no sentido inverso. O que bate certo...

– Há um movimento contrário àquela de que estamos à espera...